

Folha de S. Paulo

13/4/1986

Suplicy colhe algodão em busca de votos

Walter Mello

Ele dormiu apenas três horas na madrugada de sábado. Às cinco horas, depois de um desjejum à base de leite, pão, frutas e frios, colocou na cabeça um chapéu de palha e, em um Voyage preto, seguiu para um ponto de embarque de bóias-frias, em Guariba, a 350 km a noroeste de São Paulo. Ao descer do carro, ostentando um relógio de ouro no pulso, foi observado com reservas pelos "companheiros de trabalho". Com uma mochila repleta de lanches e frutas em uma das mãos, logo se apresentou: "meu nome Eduardo Suplicy, sou candidato do PT ao governo de São Paulo e vou passar o dia com vocês, apanhando algodão".

Assim, num misto de curiosidade e surrealismo, o deputado federal Eduardo Suplicy, virtual candidato do Partido dos Trabalhadores ao governo de São Paulo iniciou ontem, em Guariba, sua campanha no Interior do Estado, rumo ao Palácio dos Bandeirantes. O "bóia-fria" Suplicy, na verdade, foi a Guariba tentar conter a ação do vice-presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT Interior-2), e atual presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba. José de Fátima Soares, 29, que no mês passado deixou o PT para apoiar a candidatura do deputado federal Paulo Maluf, do PDS. "Até há pouco tempo eu acreditava naquilo que o Zé dizia, hoje a coisa não é mais assim", afirmou Suplicy. Fátima, que se diz admirador de Suplicy, não foi encontrado na cidade.

Desajeitado, ora com um chapéu na cabeça, ora de baixo dos braços, ele aos poucos foi adquirindo a confiança dos bóias-frias. Mostrou interesse pela vida particular e profissional de alguns volantes e, principalmente, preocupação com o atraso do caminhão. "Será que o motorista me largou para trás?" indagou.

Às 6h20, depois de muita inquietação, Suplicy pôde, finalmente, subir a escada de acesso à carroçaria de um velho Ford em meio a mais de 40 bóias-frias, que superlotavam o pau de arara, o parlamentar conseguiu um lugar em um dos bancos de madeira, seguindo para a Fazenda São José, no município de Jaboticabal, distante 30 km do ponto de embarque. Depois de trafegar por um trecho de asfalto, o caminhão enveredou por uma estrada de terra, envolvendo a todos em uma nuvem de poeira.

Ao descer do caminhão, Eduardo Suplicy reclamou do forte cheiro exalado pelo cano de descarga. "Esse escapamento está furado e isso faz mal à saúde", disse ao motorista "Gato" — empreiteiro de mão-de-obra, Ivã Rossi. Nervoso, o motorista respondeu que já havia providenciado o reparo da peça danificada, mas alertou que isso só será feito na próxima semana. "Além dos gases, constatei que esse meio de transporte é muito inseguro", observou.

Enquanto se preparava para apanhar algodão — ele teve que amarrar um saco de estopa na cintura —, Suplicy foi criticado pelo empreiteiro. "A vinda do sr., aqui, está prejudicando o trabalho da minha turma. Veja só, já são 7h20 da manhã e, até agora, por sua causa, ninguém apanhou uma grama de algodão", protestou Rossi. "Essa é a situação do bóia-fria: quando alguém aparece para saber se os direitos do trabalhador rural está sendo respeitados, logo é rechaçado pelo feitor", retrucou o deputado.

Depois de resolvido o impasse, o parlamentar entrou na lavoura de algodão — a área de plantio é de 40 alqueires para uma produção estimada de 20 mil arrobas — e, sem jeito, deu início ao trabalho que se prolongou até às 17 horas. "Puxa vida, isso daqui, além de machucar

as mãos, ainda dá mau jeito nas costas", reclamou o candidato, que em mais de uma hora de trabalho não havia apanhado um quilo sequer de algodão.

(Primeiro Caderno — Página 9)